

A ILLUSTRACÃO

DIRECTOR-PROPRIETARIO : MARIANO PINA

PARIS

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO : 15, QUAI VOLTAIRE

Dirige todos os ped' dos de assignaturas e numeros
avulso : em Portugal ao sr. DAVID CORAZZI, 42, rua
da Atalaya, LISBOA ; e no Brazil, ao sr. JOSÉ DE
MELLO, 38, rua da Quitanda, RIO DE JANEIRO.
Preço do numero a Paris, 1 franc.

7.º ANNO.— VOLUME VII.— N.º 15

PARIS 5 D'AGOSTO DE 1890

Gerente em Portugal e Brazil : DAVID CORAZZI.

PORTUGAL

DAVID CORAZZI, 42, RUA DA ATALAYA, LISBOA

ASSIGNATURAS

ANNO.....	3.600 REIS
SEMFINE.....	1.200 —
TRIMESTRE.....	500 —
AVULSO.....	200 —



O BORRACHO
Quadro de GASTÃO VUILLER.



CHRONICA

O ESPECTRO

O nosso director Mariano Pina, achando-se em viagem em Portugal, não pôde mandar para este numero a sua chronica, prometendo-nos para o proximo numero uma chronica de Lisboa. Lembra-mo-nos, pois, de arrancar ao n.º 11 do *Espectro* — d'este *Espectro* que tanta sensação tem causado na politica portugueza — as paginas onde o nosso director faz a critica dos partidos monarchicos, e da errada politica que estão seguindo, em prejuizo das proprias instituições que pretendem proteger.

A critica é aspera, tanto na sua forma como na sua independencia. Comprehendemos a fúria que o *Espectro* tem provocado da parte dos jornaes governamentais. Mas damos uma amostra do pamphleto, para que os leitores vejam que o polemista nunca desce a expressões menos correctas, para traduzir as sorrisas da sua satyra semanal.

N. da R.

A O lér os artigos desoladores da imprensa *progressista*, chega-se á terrível conclusão de que não é só a situação *regeneradora* que está pôdre, — mas sim toda a politica dos partidos monarchicos.

Sente-se perfeitamente que estamos á beira — ou d'uma transformação, ou d'uma revolução. O que nós estamos, é assistindo á agonia do liberalismo 1830, ao enterro dos velhos processos de governo, de que Fontes era o ultimo representante em Portugal, e creio mesmo que em toda a Europa.

E como nos achamos em face de novos problemas politicos, sociaes e economicos; e como os herdeiros de Fontes se vêem forçados a reconhecer que já não estão « á altura da gravidade das circumstancias » — mas não querem dar o seu braço a torcer; — succede que tudo apodrece e se desfaz, lentamente, empéstando os ares...

Quando a carroça do lixo tiver levado da estrada esse cadaver do velho liberalismo rhetorico e romantico, — então virá a tal transformação, ou a tal revolução...

Eu aposto pela transformação. Ella tem fatalmente de se operar nas chamadas *classes dirigentes* — talvez assim chamadas por não dirigirem coisa alguma em termos! As taes classes já para ahí se acham voltadas, atendendo a que os actuaes processos de governo estão gastos e desacreditados, e é necessario e urgente fazer politica nova.

Quanto á revolução, teria de rebentar da onda popular; e quando não rebentou em 11 de feveiro de 90 — já não rebenta tão cedo...

O povo portuguez está pouco disposto a fazer revoluções, não só porque não vê o principio ou a ideia que valha a pena de lhe arriscar a pelle, — como tambem se acha n'um profundo estado de ignorancia para poder comparar a sua situação (que é miseravel) com a de outros povos do centro da Europa, como o belga, o hollandez e o suizo.

Emquanto em Portugal a massa dos trabalhadores dos campos e das cidades não tiver uma comprehensão exacta dos seus deveres e dos seus direitos, não tiver a consciencia das regalías po-

liticas e sociaes a que todo o homem livre tem jus, — uma revolução é uma coisa impossivel, uma revolução é uma chimera. A não ser que amanhã appareça um governo sufficientemente estúpido — e tudo pôde acontecer em Portugal! — que augmente n'uma tal proporção os impostos que, para os pagar, precisem os trabalhadores de empenhar as enxergas e os seus instrumentos de trabalho...

A questão colonial, por mais desastrosa e vergonhosa que seja a sua solução, tambem não é de molde a excitar e revolucionar o povo.

O povo portuguez não sabe, nem saberá n'estes 50 annos mais proximos, o que é a Africa, e que riquezas possui o continente negro...

Nem os proprios jornalistas o sabem! Não se zanguem, porque lhes vou dar já um exemplo.

Tenham a bondade de percorrer os jornaes d'este anno que fallaram da vinda a Lisboa da embaixada do Maputo.

Essa embaixada de pretos foi assumpto para noticias de risota, na sua maior parte saturadas de facecias e graccos sufficientemente avariados. Poucos jornaes tomaram a sério os pretos do Maputo.

Pois no dia em que a rainha d'aquelle territorio se deixou embalar pelas intrigas dos missionarios inglezes, e deixar de prestar vassallagem á corôa de Portugal, — teremos a Inglaterra a apoderar-se de Lourenço Marques, como agora se apoderou da região do Chire.

Que os nossos jornalistas, que tanto riram da embaixada do Maputo, se dêem ao trabalho de lér a « Decisão arbitral do Presidente da Republica franceza, entre a Grã-Bretanha e Portugal, relativa á bahia de Lourenço Marques, que teve lugar em 24 de julho de 1875. » — Encontram-na no tom. III, pag. 517, do *Nouveau Recueil général de traités*, de Ch. Samwer e Jules Hopf.

Ahi verão que a arbitragem do marechal de Mac-Mahon na questão de Lourenço Marques, entre Portugal e a Inglaterra, teve por fim reconhecer os direitos de Portugal sobre o territorio de Tembe, e sobre o territorio de Maputo, comprehendendo este a península e a ilha de Inyack (Inhaca), assim como a ilha dos Elephantes.

Felizmente para nós que os embaixadores do Maputo ainda ignoram os segredos da arte typographica, e o prazer que sente o branco com a leitura quotidiana e matinal das gazetas. Aliás teriam percebido que seriam mais bem acolhidos em Londres ou em Berlim: — e lá se ia uma parte de Lourenço Marques pela agua abaixo...

É n'estas e n'outras ignorancias: não só do povo, mas dos proprios jornalistas, que se vae fiando o ministerio, para continuar representando a funebre farçada da nossa decadencia colonial...

A não ser que um qualquer movimento operario em Lisboa e Porto atire com essa philarmónica de *avante-canecenes* de pernas para o ar: — mandando Metternich para Canecas chorar as suas desgraças d'essadista nos braços do sr. conde de Valença e do sr. visconde de Faria; mandando o sr. Arouca janotear e monoculisar para as frisas de S. Carlos; e mandando o sr. João Arroyo para Coimbra, de novo dirigir e ahiñar os orphêãos e sol-e-dós que tanta fama lhe deram por essas margens do Mondego...

O rei da Mascotte, depois de destronado, passou da posição lucrativa de rei, á humilde condição de tocador de realejo.

O proprio Napoleão I, depois de imperador dos francezes, tambem acabou os dias plantando couves em Santa Helena.

Não é pois para admirar que ainda vejamos um conselheiro d'Estado — victima dos baldões da politica — tomar a direcção philharmonica dos prussianos do Seixal...

Que a comedia tragica de que falla as *Novidades* dure ainda mais seis mezes, e mesmo mais um anno — pouco deve affligir o nosso paiz.

Nós descemos tão baixo, e tão aviltados andamos aos olhos da Europa, que já não ha mais desastres que nos possam affligir profundamente.

Isto de miseria é exactamente como o frio em Paris. O que é duro de roer, é quando a temperatura desce até seis graus abaixo de zero. Depois perde-se a sensação; e tanto frio se sente quando o thermometro desce a seis, como quando desce a doze graus...

Levamos o primeiro pontapé da Inglaterra, no dia 11 de janeiro de 90. Berrámos, protestámos, vociferámos, gritámos vingança e guerra ao inglez... Deitámos um ministerio a terra, fizemos demonstrações nas ruas, abrimos subscrições para comprar couraçados e para defender as colonias. Fizemos o diabo!...

Depois veio para o ministerio dos estrangeiros o sr. Hintze, que clevou o pontapé inglez á altura d'uma instituição. Nem sei como se não lembrou de fundar a ordem colonial do pontapé!

E hoje — graças á dictadura, ao sr. Hintze, á policia de chanchalho em punho e aos cavallos da municipal — estamos de tal modo acostumados ás ladroerias de lord Salisbury, que já o insulto britannico e particularmente salisburyno, passou a ser um elemento da nossa vida quotidiana, como o café com leite, e o pão com manteiga — ingleza!

Pôde pois a comedia tragica durar a vontade mesmo mais um anno.

Porque se essa comedia hoje terminasse, estou certo que a nova situação ainda havia de ser mais difficil, e talvez mesmo mais perigosa.

Admitamos que o gabinete do sr. Serpa dá hoje a sua demissão, antes de ter resolvido a pendencia com a Inglaterra.

Quem é que o ia substituir? Quem é que El-Rei (que na opinião do sr. Serpa, não tem a experiencia nem a pratica dos negocios publicos) havia de chamar para formar um novo ministerio?...

No reinado do sr. D. Luiz, via-se o Poder simultaneamente disputado pelo partido conservador tendo por chefe Fontes Pereira de Mello, e pelo partido liberal tendo por chefe Anselmo Brancamp, depois da sua morte substituido pelo sr. José Luciano de Castro.

Com a morte de Fontes, o partido regenerador, minado por mil vaidades mais ou menos canecenes, desfez-se completamente. O que ahí está no poder, nem é a sombra d'um partido. É um ministerio anarchico e indisciplinado, onde todos mandam, onde todos impõem á sua vontade, sem ninguem querer obedecer ao seu chefe — porque todos os ministros se julgam chefes.

Quanto ao partido *progressista*, tambem o vemos dividido, apesar de todas as apparencias de solidariedade e de disciplina. Basta lér com alguma attenção as folhas *progressistas*, para vêr que não seguem o mesmo plano de critica e o mesmo ponto de vista politico; para se sentir por detraz de cada artigo de fundo, um chefe que falla e quer que a sua palavra seja a unica escutada; e a unica infallivel.

Basta olharmos para a attitudé do partido *progressista* nas ultimas eleições de Lisboa, para vermos que as forças do partido se acham divididas; que ha *progressistas* que obedecem a X..., outros que obedecem a Z..., e que o sr. José Luciano difficilmente poderá affirmar que todos os *progressistas* obedecem ás suas instrucções e á sua vontade.

D'aquí se conclue, que é conveniente que a *comedia tragica* continue cada vez a peor, para que haja uma *transformação* dos partidos, no dia em que a crise politica, seja mais grave...

Se assim não fór, se voltamos ao desacreditado systema dos ministerios de transição, genero duque d'Avila e Bolama, veremos a monarchia entrar n'um periodo de maiores difficuldades politicas, financeiras e sociaes, que a hão-de conduzir fatalmente ao seu total descredito, ou á sua completa ruina...

Os elementos *conservadores* dos dois partidos monarchicos, tem fatalmente de se aggregar e formar a direita da camara. E dos elementos *liberaes e democraticos* dos dois partidos tem fatalmente de surgir um partido novo, com um programma de governo claramente definido, para poder merecer a confiança das classes que hoje são sacrificadas aos vicios e aos erros da actual administração do Estado.

Se os monarchicos portuguezes amam realmente a Monarchia, e se não querem ver augmentar cada dia a onda republicana que tanto os assusta, e que n'um dia de crise economica nos pôde lançar n'uma guerra civil como a de 32, — só devem pensar, não em derrubar o actual ministerio, mas em precipitar a *transformação* dos dois partidos de governo.

Se vossas senhorias são sinceramente monarchicos, e não polticos de bandeirinha, com um pé na Monarchia e outro pé na Republica (vidé sr. Antonio Ennes) — tenham a sufficiente fé monarchica para sacrificar vaidades e appetites, limitando distinctamente e quanto antes os dois campos — direita *conservadora*, e esquerda *liberal e democratica*.

Teriamos d'um lado os homens de Auctoridade, do outro todos os defensores da Liberdade. A politica passaria a ser séria e comprehensivel, sem mascaradas e hypocrisias, sem os taes compromissos e as taes compensações — que a tudo o povo chama *traficancias*, e o povo assim dizendo é mais justo e mais sincero no seu dizer, que todos os criticos que se coçam pelos humbraes da *Havaneza*.

Tambem acabava por uma vez esta comedia da opposição *progressista* : — as *Novidades* applaudindo as medidas dictatoriaes do sr. Lopo Vaz; e o *Dia* fazendo côco com os republicanos contra a dictadura!

Os partidos precisam ser joirados. — Trigo grosso para um lado; trigo miúdo para o outro; e o joio para a valla commun do esquecimento...

Os srs. polticos tem deante de si uma geração de homens de 30 annos, desiludidos dos partidos monarchicos, porque ambos affectam liberalismo, democracia e até demagogia quando são *opposição*, e passam em 24 horas a ser cynicamente reaccionarios e absolutistas, porque chegaram ao *poder*...

N'estas deploraveis circumstancias, a nossa geração continuará sendo platonicamente *republicana*, — enquanto não vir um partido ser *conservador* no governo assim como na opposição, e outro partido ser *liberal* na opposição assim como no *poder*...

Tratem pois de operar a *transformação* dos dois partidos; de definir os dois campos de lucta — para se saber em nome de que principios e por que theorias se combate.

Tratem de formar dois partidos distinctos — partido de Auctoridade e partido de Liberdade com programmas politicos, economicos e sociaes perfeitamente determinados. E verão a politica portugueza safar-se d'esse lamaçal em que hoje se emporcalha e se deshonra, e tomar novo rumo, seguro, sereno e sério.

Mas enquanto não tiverem coragem bastante

para o fazer, a anarchia politica continuará lavrando por todo o paiz...

E se vossas senhorias se não apressam, se não tratam de mudar de vida antes da proxima legislatura de 91, — então o terremoto talvez seja fatal!

Relendo o que deixo escripto, e comparando o que escrevo, com os artigos ultimamente publicados na imprensa *progressista e regeneradora*, — afigurase-me que sou mais *monarchico* que os proprios monarchicos do governo assim como da opposição, porque indico a unica maneira de restaurar a nossa desacreditada politica indigena, e de fazer com que na monarchia encontrem logar os elementos democraticos que andam dispersos pelo paiz.

Tambem este espirito de tolerancia vae certamente surpreender muitos leitores do *Espectro* que são declaradamente *republicanos*, e que me consideram como um feroz demolidor de thronos.

E' preciso que todos se convençam que eu não sou, nem um *monarchico-constitucional*, nem tão pouco um *republicano-unitario*; e que não tenho nenhuma confiança nas revoluções populares isoladas, nas revoluções que não seguem uma corrente que se estabeleça por toda uma raça, que não sejam a consequencia d'uma ordem de ideias agitando uma geração ou uma época.

Porque ha revoluções e revoluções. Uma são realmente *revoluções*, outras são apenas *chafaricas*. Uma transformam radicalmente um povo, ás vezes uma raça, outras vezes o mundo inteiro. Enquanto que as outras — as *chafaricas* — servem apenas para combater um addicional de 6 por cento, ou para derrubar um ministro, ou um ministerio.

Para revoluções ainda não estamos preparados. Quanto ás *chafaricas* e aos *chafariqueiros*, tenho por elles o mais inabalavel dos desprezos.

E' por tudo isto que entendo que a Monarchia deve ser tolerante, se não quer provocar uma revolução; e que os partidos monarchicos se devem transformar, — se não querem que a *chafarica* aumente, o que equivale á nossa ruina politica, social e economica.

E aos intransigentes *monarchicos* e aos intransigentes *republicanos* a quem estas theorias possam desagradar, recomendo a meditação das seguintes linhas de Proudhon :

« Nenhum democrata se pôde dizer puro de qualquer monarchismo; nenhum partidario da monarchia se pôde vangloriar de ser isento de republicanismos. Fica pois assente que a democracia não tendo parecido repugnar á ideia dynastica, nem tão pouco á ideia unitaria, os partidarios dos dois systemas não tem o direito de se excommungar, e a tolerancia incumbelhes mutuamente. »

MARIANO PINA.

PROFISSÃO DE FÉ

Le poëte est ciseleur,
Le ciseleur est poëte.

VICTOR HUGO.

Não quero o Zeus Capitolino
Herculeo e bello
Talhar no marmore divino
Com o camartello.

Que outro — não eu! — a pedra corte
Para, brutal,
Erguer de Athene o altivo porte
Descommunal.

Mais que esse vulto extraordinario,
Que assombra a vista,
Seduz-me um leve relicario
De fino artista.

Invejo o ourives quando escrevo :
Imito o amor
Com que elle, em ouro, o alto relevo
Faz de uma flôr.

Imito-o. E pois, nem de Carrara
A pedra firo :
O alvo crystal, a pedra rara,
O onyx prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,
Sobre o papel
A penna, como em prata firme
Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,
A idéa veste :
Cinge-lhe no corpo a ampla roupagem
Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima
A phrase; e, enfim,
No verso de ouro engasta a rima,
Como um rubim.

Quero que a estrophe crystallina,
Dobrada ao geito
Do ourives, saia da officina
Sem um defeito :

E que o lavor do verso, acaso,
Por tão subtil,
Possa o lavor lembrar de um vaso
De Becerril.

E horas sem conto passo, mudo,
O olhar attento,
A trabalhar, longe de tudo
O pensamento.

Porque o escrever — tanta pericia,
Tanta requer,
Que officio tal... nem ha noticia
De outro qualquer.

Assim procedo. Minha penna
Segue esta norma,
Por te servir, Deusa serena,
Serena Fôrma!

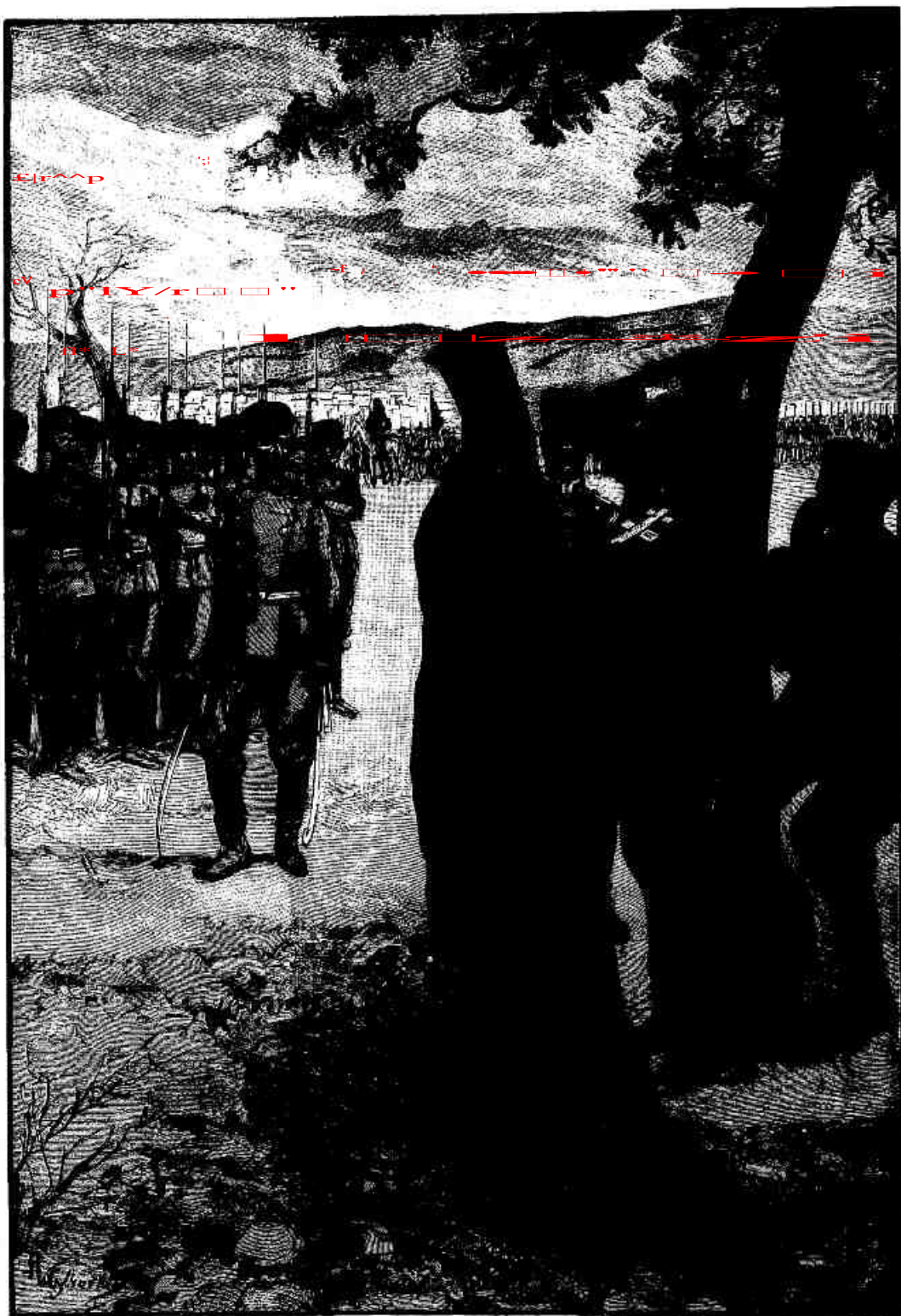
Deusa! A onda vil, que se avoluma
De um torvo mar,
Deixa-a crescer, e o lodo e a espuma
Deixa-a rolar!

Bláspemo, em grita surda e horrendo
Impeto, o bando
Venha dos barbaros crescendo,
Vociferando...

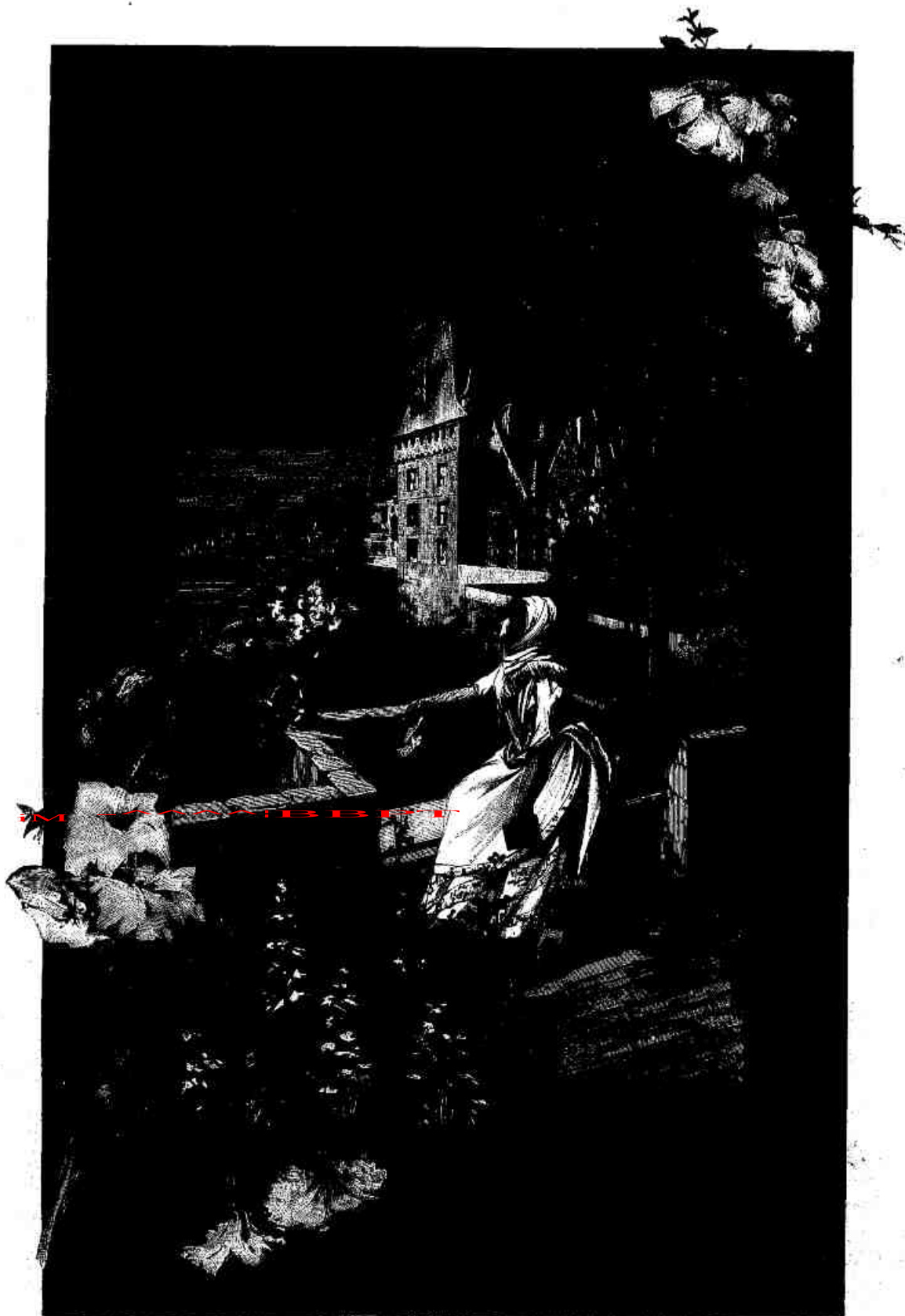
Deixa-o ; que venha e uivando passe
— Bando feroz!
Não se te mude a cor da face
E o tom da voz!

Olha-os sómre, armada e prompta,
Radiante e bella :
E, ao braço o escudo, a raiva affronta
D'essa procella!

Este que á frente vem, e o todo
Possue minaz,
De um Vandaloso de um Wisigodo
Cruel e audaz;



BULGARIA. — A EXECUÇÃO DO MAIOR PANITZA.



Este, que, d'entre os mais, o vulto
Ferreño alteia,
E, em jacto, expelle o armago insulto
Que te enlameia:

E em vão que as forças cança, e á lucta
Se atira : é em vão
Que brande no ar a maça bruta
A' bruta mão.

Não morrerás, Deusa sublime!
Do throno egregio
Assistirás intacta ao crime
Do sacrilegio.

E, se morreres porventura,
Possa eu morrer
Comtigo, e a mesma noite escura
Nos envolver!

Ah! ver por terra, profanada,
A ara partida,
E a Arte immortal nos pés calcada,
Prostituída!...

Ver derribar do eterno solio
O Bello, e o som
Ouvir da queda do Acropolis,
Do Parthenon!...

Sem sacerdote, a Crênça morta
Sentir, e o susto

Ver, e o extermínio, entrando a porta
Do templo augusto!...

Ver esta lingua, que cultivo,
Sem ouropeis,
Mirrada ao halito nocivo
Dos infeis!...

Não! Morra tudo o que me é caro,
Fique eu sosinho!
Que não encontre um só amparo
Em meu caminho!

Que a minha dôr nem a um amigo
Inspire dôr...
Mas, ah! que eu fique só comtigo,
Comtigo só!

Vive! que eu viverei, servindo
Teu culto, e, obscuro,
Tuas custodias esculpindo
No ouro mais puro.

Celebrarei o teu officio
No altar : porém,
Se inda é pequeno o sacrificio,
Morra eu também!

Caia eu também, sem esperança,
Porém tranquillo,
Inda, ao cair, vibrando a lança,
Em prol do Estylo!

Rio de Janeiro,

OLAVO BELAC.

AS NOSSAS GRAVURAS

BELLAS-ARTES. — MOÇIDADE!

Quadro de Chaplin.

NÃO é a primeira vez que a ILLUSTRAÇÃO offerece aos seus leitores a reprodução d'um quadro do illustre pintor francez Chaplin. Nos volumes já publicados encontram-se algumas das suas obras mais delicadas, destacando brilhantemente por entre os nomes celebres dos mestres contemporâneos que a ILLUSTRAÇÃO tem vulgarizado em Portugal...

E é este o orgulho da nossa obra de sete annos. Quando fundámos a ILLUSTRAÇÃO, tivemos sempre por principal fto, mostrar ao publico portuguez as obras-primas dos modernos artistas.

Todos acharam o plano arrojado, attendendo ao preço excessivo da gravura e da impressão, e ao limitado numero de amadores que existe no nosso paiz. Mas nós confiavamos no publico; sentiamos que o publico portuguez ambicionava mais alguma coisa do que as gravuras que lhe eram fornecidas pelo Occidente — aliás immensamente portuguezas; — e lançámos a nossa revista contra a opinião dos que assistiram ao seu fundamento. E hoje já estamos no *setimo volume!* E ainda ha quem duvide do publico!...

A ideia da nossa ILLUSTRAÇÃO acordou já a dois editores portuguezes a ideia de seguir as nossas pisadas, ou de nos exceder em attractivos. Esse facto regosija-nos, e é por assim dizer o elogio da nossa obra, pois que ella foi estimular a concorrência.

Mas nós não nos desviaremos um instante do caminho que nos traçamos. Nós queremos principalmente vulgarisar as obras mais notaveis da arte contemporânea. E é por isso que daremos sempre o lugar de honra aos bellos quadros, como este de Chaplin, que é uma das paginas mais notaveis do Mestre, e que figura no museu do Luxembourg (Paris).

Chaplin é sobretudo um grande retratista feminino; e as suas tôas, pela sua graça, simplicidade e poesia, e pelo encanto e frescura do colorido, são uma notavel continuação de toda a pintura franceza do seculo XVIII.

Quanto á gravura, a sua execução não pode ser, nem mais delicada, nem mais assombrosa. Já não temos adjectivos para fallar no buril do nosso illustre amigo e collaborador Ch. Baude.

Estamos certos de que a *Moçidade!* vai adornar muita das salas onde a ILLUSTRAÇÃO é recebida com prazer e verdadeira sympathia.

O BORRACHO.

Quadro de G. Vuillier.

O sr. Gaatão Vuillier mostra-nos um typo do antigo bebedor, um typo que parece inspirado das obras de Rabelais, e para quem o viinho resume todo o prazer da vida e a origem da absoluta felicidade.

E de tanta verve é impregnada esta tela que até nos faz lembrar o famoso *testamento* da borracha Maria Parda, de Gil-Vicente, quando ella dotamina:

Levar-me-hão em hum andar
Do dia, ás horas certas
Que estão as portas abertas
Das tavernas per ho for.
E hei, pois mais não pude,
N'hum quarto por attado,
Que não tivesse agua pé
O sovenite a Noe
Cantem sempre a meu do.

Diante irão mal sem pejo
Trinta e seis ordens vazios,
Que despeje nestes fríos,
Sem nunca matar desejo.
Não digão missas curadas,
Todas sejam bem cantadas
Ein Framengo e Allenão,
Porque estes uns levardo
As vinhas mais carregadas.

E assim por diante... E do mesmo genero será o *testamento do Borracho* de Vuillier.

A EXECUÇÃO DO MAJOR PANITZA

Talvez que ao ser distribuido o presente numero da ILLUSTRAÇÃO em Portugal, já o principe Fernando de Coburgo se tenha convencido de que se não fuja impunemente um bravo militar por crime de patriotismo, — e tenha sido forçado a abdicar a corôa da Bulgaria, por imposição da Russia.

O major Panitza era um grande partidario do sympathico principe Frederico de Battenberg, que tantos triumphos havia obtido na guerra contra o rei Milão da Servia.

No dia 2 de fevereiro foi preso, por ordem do sr. Stambuloff, presidente do conselho, como sendo accusado de conspiração contra o governo do principe Fernando Coburgo, e de alimentar relações secretas com a Russia.

O processo do major Panitza foi muito fallado em toda a Europa. O conspirador foi condemnado

à morte pelo tribunal; mas a opinião publica acreditava que o major fosse agraciado pelo soberano da Bulgaria.

Tal não succedeu. O principe Frederico de Coburgo não soubo resistir ás instancias do sr. Stambuloff, — e assignou a condemnação à morte do sympathico e exaltado patriota bulgaro.

Panitza foi executado na manhã de 28 de julho findo. A execução realçou-se n'uma praça proximo de Sofia, a capital da Bulgaria. Estavam alli formados cinco regimentos. Um destacamento de 21 homens formava o pelotão de execução.

Panitza portou-se com muita coragem. Arrancou o lenço com que lhe haviam vendado os olhos; e morreu gritando: « Viva a Bulgaria! »

Esta execução não é uma execução — é um assassinato. A morte de Panitza causou a maior sensação em toda a Bulgaria, e impressão desagradabilissima na Russia. E ha quem proveja d'esta odiosa vingança de Stambuloff, ou a morte do principe Fernando, ou o ponto de partida para uma guerra na Europa, na qual desempenhe o principal papel — a Russia.

SUCCESSOS THEATRAES. — LA FILLE DE ROLAND.

Está actualmente em scena na Comedia Franceza esta tragedia que tem por assumpto o amor da patria, de que é auctor Henri de Barriér, — tragedia que foi representada pela primeira vez n'este mesmo theatro em 1875.

Roland é o famoso paladino, sobrinho de Carlos Magno, immortalizado pelo poema de Ariosto. A sua espada, a famosa Durandal, foi celebrada pelos antigos chronistas francezes.

O papel de Carlos Magno é desempenhado agora por Paula Mounet; e o do Geraldo por seu irmão Mounet-Sully. O papel de Berta, em 1875, creado por Sarah Bernhardt, foi agora confiado a Mile Dudley — a celebre Mile Dudley, origem da sahida de Coquelin do Theatro Francez.

A nossa gravura representa Mounet-Sully (Gerald), recebendo a espada das mãos de Carlos Magno.

Chamamos a attenção dos leitores para esta curiosa gravura, feita sobre uma photographia instantanea, tirada d'um camarote de frente, durante a primeira representação.

A photographia instantanea, á luz electrica, vem hoje em auxilio das obras theatraes para fixar para sempre as scenas mais importantes d'uma peça.

Um dia virá em que, com o auxilio de phonographo e da photographia, não seja preciso ir ao theatro. Uma serie de vistas e de audições, será o bastante para uma completa illusão em Lisboa do que á mesma hora se está vendo e ouvindo no Theatro Francez!

Preparai-nos para grandes surpresas...



A COROA DO BENEFICIO

PARECE um conto inventado, mas é uma historia verdadeira.

Não fui testemunha presencial d'ella, mas contou-m'a uma pessoa que estava no theatro na noite em que essa aventura de amor muito conhecida no Porto teve o seu desenlace tragico no theatro de S. João.

Porque foi no theatro de S. João que a scena se deu foi, no Porto que se passou essa aventura de camarim, que os caucans de bastidores espalharam rapidamente por toda uma certa roda da cidade, a roda que frequenta theatros, que anda pelos palcos, que se importa com as cantoras.

A Bernardetti estava então fazendo *successo* ali, na capital do norte; *successo* de mulher, por-



Gravura de Cn. Baudé.

Ilustração, 3 d'Agosto de 1891.

MOCIDADE!

QUADRO DE CHAPLIN. — (MUSEU DO LUXEMBOURG).

que era uma veneziana formosíssima, successo de cantora, porque tinha talento, porque tinha uma voz deliciosa, que começava então a fazer-se ouvir no mundo lyrico e que prometia com o tempo vir a dar muito que fallar de si.

Debutara ha pouco tempo no theatro, e tambem na vida.

Era muito nova ainda; casara aos 16 annos, ella, filha de um gondoleiro pobre, com um rico senhor veneziano; mas, *toqué* com quasi todas as grandes artistas, sentindo-se possessa do demonio da arte, atirara um bello dia com o *bonnet* por cima dos moinhos, deixara o seu nobre marido a dar milho nos pombos da praça de S. Marcos e abalara com um tenor francez que por ali passara o que lhe dera umas poucas de lições de canto.

Depois fizera ao tenor o mesmo que ao marido, e divorciada completamente de todas as considerações sociaes, lançara-se de braços abertos na vida theatral.

Como era bonita, como tinha talento, voz e espirito, todas as portas se lhe escancararam de par em par, e a sua carreira, apesar de em começo ainda, ia já triumphante.

Por toda a parte onde apparecia — as ovações vinham ao seu encontro: a gloria começava a bordar-lhe a brilhante aureola da celebridade.

Foi no caminho d'essa celebridade que ella veio parar ao Porto.

O empresario propuzera-lhe escriptura para o theatro de S. João, Portugal; ella enganou-se, tomou São João por S. Carlos, e veio radiante julgando vir fazer uma época para o theatro lyrico de Lisboa, que, como todos sabem, é um theatro de importancia maxima na carreira italiana.

Quando deu pelo engano ficou furiosa, quiz quebrar a escriptura, recusou-se terminantemente a cantar.

O empresario supplicou primeiro, depois ameaçou com a policia e com os tribunaes; mas, vendo que ameaças e supplicas davam o mesmo resultado nullo, resolveu-se a offerecer-lhe maior escriptura.

Ella aceitou, embora de mau humor. Já que estava no Porto, cantou e debutou na *Lucia* com um exito enorme.

A sua voz e a sua belleza produziram uma sensação profundissima: era um encanto ouvi-la, era uma adoração vel-a.

O publico começou a faser-lhe ovações delirantes; os *dilettanti* encheram-lhe o camarim de flores e de declarações apaixonadas.

E no Porto não se fallava n'outra coisa senão na Bernardetti.

Da cantora todos diziam maravilhas: era um hosanna em unisono; nos canticos á mulher havia notas discordantes — as dos despeitados.

Eram numerosos esses despeitados, eram mesmo todos que se acerravam.

A Bernardetti era caprichosa, *toquée*: a sua virtude não afugentava ninguém, mas o seu capricho rejeitava toda a gente.

Entre essa toda a gente houve um rapaz que a tomou a serio, que a amou loucamente, com uma paixão á Antony ou á Armand Duval.

Sacrificou tudo a essa mulher: a paz do seu lar, a honra do seu nome.

Fez deidades para lhe obter um olhar; chegou a fazer infamias para lhe alcançar um sorriso. E alcançou.

Alcançou esse sorriso, obteve esse olhar. Bernardetti deu-lhe todas as esperanças imaginaveis, *coquetou* com elle com a arte suprema das mulheres que se sentem adoradas, mas, quando chegou o momento de realisar as suas douradas promessas, riu-se-lhe na cara, enxotou-o com o bico elegante do seu sapatinho de setim.

E toda a gente soube da aventura, e toda a gente se riu d'elle como de um tolo.

O amor enorme que elle sentia transformou-se então de repente em odio implacavel.

Ella ferira-o cruamente no seu amor e na sua vaidade, zombara d'elle, insultara-o, ultrajara-o,

ridicularisara-o vilmente, desapiedadamente... Elle jurou vingar-se, e vingou-se.

Planeou pensadamente a sua vingança e esperou o momento com serenidade, com sangue frio, sem precipitações nem alarde.

A noite do beneficio da Bernardetti chegou.

O theatro de S. João illuminou vistosamente a sua fachada annunciando festa excepcional — a festa do orago da casa, o beneficio da sua diva.

A porta os contractadores vendiam os bilhetes por altos preços: as platéas e os camarotes transbordavam do publico; toda a gente queria assistir ao beneficio da Bernardetti; todos a queriam ouvir n'essa noite cantar pela primeira vez a *Somnambula*, em que se dizia que ella era maravilhosa; toda a gente queria assistir á grande festa entusiastica que lhe preparavam os seus admiradores e que o boato annunciava já ha muitos dias.

A Bernardetti entrou em scena: as palmas estouraram por todo o theatro; no palco caiu um diluvio de flores.

A formosa cantora era adoravel de simplicidade, de ingenuidade no seu papel de Amina.

A cada uma das suas notas, que tinham a vibração de perolas caindo n'uma taça de crystal, respondia uma tempestade de bravos estridentes, entusiasticos.

No rondó, então, que ella cantou magistralmente, lindissima na sua candida toilette branca, com os cabellos louros espargidos sobre o collo n'ú, o entusiasmo assumiu as proporções de um verdadeiro delirio, a ovação assumiu as proporções de uma verdadeira apothecose.

De repente, por entre as aclamações ruidosas do publico, no meio palco literalmente tapetado de flores, caiu, alitrada de um camarote da ultima ordem, uma formosa e enorme corôa de flores e ouro, uma verdadeira corôa de beneficio, com uma colossal fita, em que se lia, bordado em letras douradas o nome da festejada cantora, e a data d'aquella sua apothecose artistica.

Na sala houve um prolongado murmúrio de admiração, e os bravos á artista estancaram em todos os labios entreabertos por um movimento machinal, involuntario, de surpresa e de espanto.

Nunca se vira corôa tão formosa.

A Bernardetti, risonha, com o peito n'ú a arfar da fadiga do canto e da commoção da gloria, encaminhou-se para a corôa, e com um sorriso adoravel, em que transparecia toda a alegre vaidade triumphante da mulher e da artista, curvou-se para a apanhar.

N'isto como que movida por uma mola, a corôa deu um enorme salto, como se fôra um gafanhoto, e voou rapidamente para o tecto do theatro.

Na sala estourou uma gargalhada homérica, unisona, involuntaria, medonha...

A Bernardetti fez-se vermelha como uma papoula, depois empallideceu sinistramente e caiu de bruços, no palco, com uma syncope...

O panno desceu logo, e na sala levantou-se um borborinho enorme, em quanto a Bernardetti voltava a si, á força de reagentes, e em quanto da ultima ordem de camarotes sabia um homem com um volumoso embrulho debaixo do braço, e um sorriso terrivel, satânico, nos labios...

Na noite immediata o publico indignado preparava á cantora uma desforra brilhante do ultraje recebido.

A Bernardetti entrou em scena; acolheu-a uma entusiastica salva de palmas. Passada a ovação, a diva desceu ao proscenio e abriu a bocca para cantar as primeiras notas da *Somnambula*. Abriu a bocca, mas em vez de nota saiu-lhe um grito terrivel.

A commoção fortissima da vespera, a corôa do beneficio, fizera-lhe perder a voz.



OLEO OPHYR, Cítricos e ralações para a conservação e limpeza dos cascos.
VINAGRE DE TOUCADOR, Antiacido, Fortes e Dentífrico.
PÓ DENTÍFRICO, Saúde da flôr, o único que limpa e conserva os dentes.

COMO DEUS CASTIGA

(CAPÍTULO DE ROMANCE INÉDITO)

VI

Seu servido outro sin declaro... que todas as vezes que houver confederação, ajuntamento, voz sediciosa, e tumulto, para se opporem os assim amotinados ás minhas Leys e Ordens, como uas conhecidas, e ao meu, Alto e Supremo poder; ou pretendendo que se não cumpram as ditas Leys e Ordens... se julguem estes crimes, e qualqueir d'elles, indubitavelmente, e sem haver disputa, se não sobre as provas, por crimes de Sua Magestade da primeira cubera.

Rui (D. José I) Sentença da Alçada — Carta ao Presidente da mesma.

RECOLHIA a procissão de Cinza pela uma hora e tres quartos do dia 23 de fevereiro de 1757, quando os sinos da Cathedral e da Misericórdia picaram a rebate.

Os magotes de mulheres, rapazes, e homens da infima plebe convergiram primeiro para a porta do Olival. D'ahi estendera-se o tumulto aos pontos principaes da cidade para confluir outra vez em chusmas á Praça das Hortas. Durante o transito da procissão estes movimentos passavam desapercibidos, menos os rumores de vozes mal enfiadas que pareciam rebentar de impaciencias.

Estas vozes eram já inequívocas á porta do Governador das Justicas, do Provedor da Santa da Companhia dos Vinhos, e do Juiz do Povo.

Os honrados e pacíficos burguezes, escandalizados do desacato feito a dia de tão religiosa festividade e transidos da sanha popular, apenas a procissão recolheu sem desconcerto, trancaram-se em suas casas, e espreitaram com terror a irrupção da cratera que reservava desde a vespera.

Ao toque de rebate, ergueu-se medonho alarido na rua Chan, á entrada da rua de Loureiro, onde morava o Juiz do Povo, José Ferreira da Silva, justante na casa onde hoje está aberta uma loja de barbeiro.

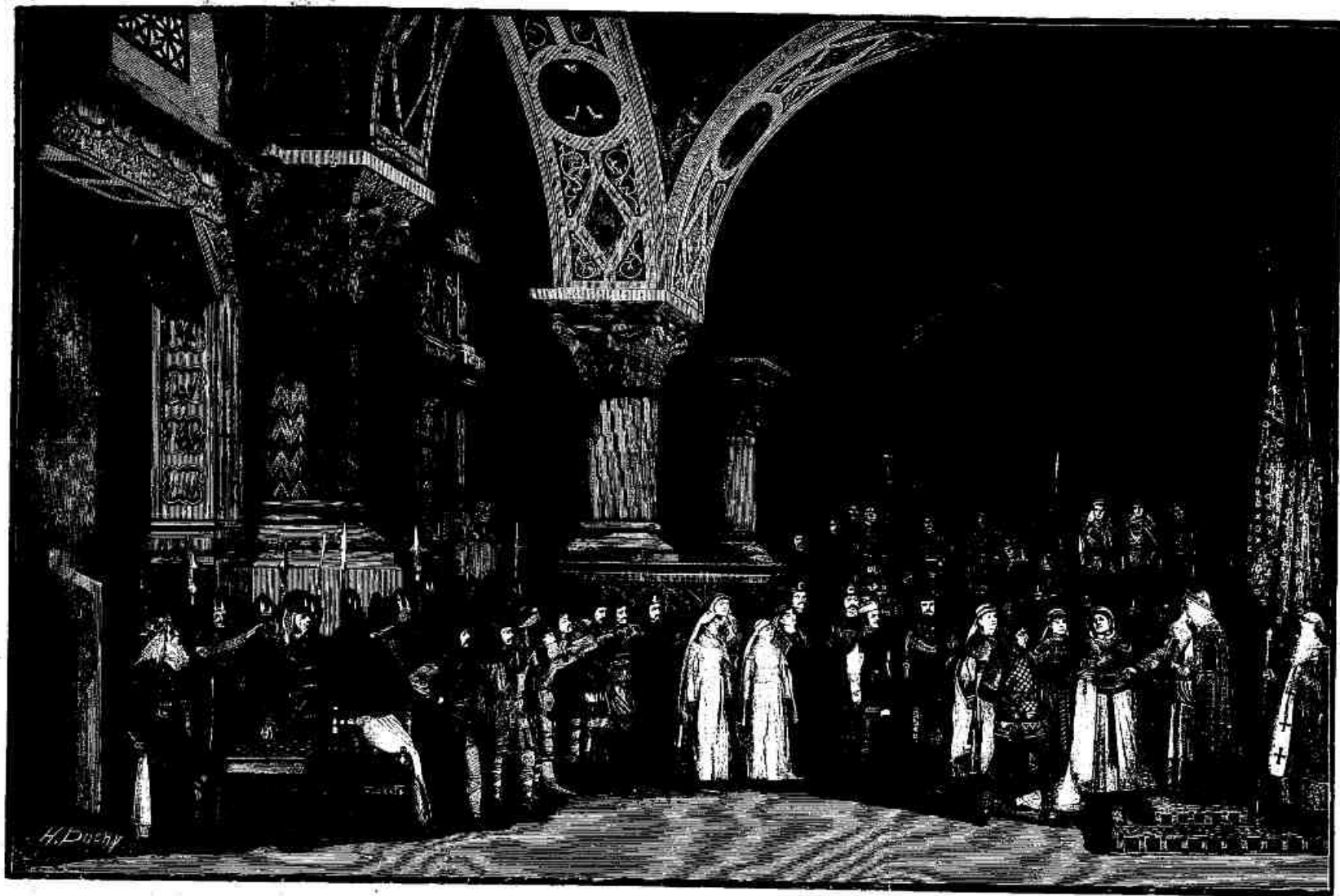
O povo apellidava pelo seu juiz, o qual, chegado o momento de tomar a dianteira do motim, de tamanho terror se gelára, que simulou uma doença, mostrando, para que o deixassem, a garrafa do purgante que havia de tomar n'aquelle dia, se não atacasse a tosse violenta.

A plebe, menosprezando os achaques gastricos do seu covarde caudilho, mandou buscar á rua Nova uma cadeirinha, e forçou o enfermo a incurrar-se n'aquelle vehiculo, aliás irrisorio, para um representante do povo, um tribuno, uma reliquia dos ancios municipios, que devia arengar ao chanceller; ao provedor da Companhia, ao regedor das justicas, e ao proprio rei, sendo necessario, em prol do seu povo.

Em redor da cadeirinha atropellava-se uma corja de gaiatos que arvoravam bandeirolas encarnadas, com ramos de oliveira e pinho audos na ponta dos varapáos, ou hastes dos balçoens esfarrapados.

Seriam quando muito seiscentos os revoltosos que enchamecavam, voz em grita, a tórax do juiz do povo, para casa do cregedor do crime.

Os chefes que mais avultavam no bando, pelo ar marcial com que em vão tentavam afimar e disciplinar as massas, e pelo arregoenho com que floreadam as longas espadas de copos de tigella, eram Caetano Moreira da Silva, e Domín-



SUCCESSOS THEATRAES DE PARIS. — LA FILLE DE ROLAND, DRAMA DE BORNIER, REPRESENTADO NA COMEDIA FRANCEZA.

A MODA PARISIENSE

O mez de julho é o mez das *villegiaturas*. As Parisienses correm para o campo, onde vão descansar das fadigas da estação mundana.

A ultima manifestação da moda, teve lugar nas corridas de Auteuil e de Longchamps. Algumas creações eram admiráveis: os mais claros *frontrons* andavam unidos a rendas, ou eram realçados com passamanarias d'ouro e prata constelladas de pedrarias.

Quanto á fôrma, viam-se os vestidos imperio, ou o vestido lizo tendo na frente algumas ondulações que faziam prever uma ressurreição das duas saias (*double jupe*) e mesmo do *panier* Luiz XV.

Por enquanto o ensaio é tímido bastante, quasi hesitante, mas nada me surpreenderia que se accentuasse rapidamente; porque muitas elegantes já se lamentam de que a fôrma absolutamente lisa, presta-se mal ás phantasias e toma muito facilmente um caracter uniforme e banal ao alcance de toda a gente, o cujo monotonia é incompativel com qualquer tentativa de originalidade.

Convém notar que muitas costureiras de fama não fazem excessivos esforços para variar os seus modelos. Quem que as *toilettes* que saem dos seus *ateliers* tenham o que ellas chamam em Paris *le cachet de la maison*; é como uma assignatura viavel que faz por

toda a parte a reclama da casa, e por isso que pouco alteram ou modificam, da moda que fazem sempre o mesmo vestido. Este systema levou a resultados tão inesperados quanto desagradaveis.

Assim ha dias, num recanto da passagem, em Long-



A MODA PARISIENSE EM JULHO DE 1890. — TOILETTES PARA CAMPO.

champs, dez ou doze senhoras, que nem sequer se conheciam, vestidas pela mesma grande costureira, olhavam-se pasmadas por se verem vestidas do mesmo modo e da mesma fazenda, como se trouxessem a uniforme d'un recolhimento!

Como vêem as *toilettes* para campo pouco differem das *toilettes* de Paris no verão. Fazendas muito ligéiras, crêpes de Chion de preferencia; mangas levantadas e entufadas nas hombroiras; golas fechadas e altas; e

chapéus de palha com fitas ou flores de estação. — As toques dominam cada vez mais. — Os nós e as fitas empregam-se muito para realçar as rendas verdadeiras ou falsas, que se vêem em profusão. — Os galões de ouro bordados de pedrarias ainda se usam muito, sem por isso terem cahido na banalidade.

As pélerines tornam-se communs; mas como é inogavel que este pequeno artigo de toilette é muito commodo para trazer, modificam-o com a golla á Medicis e bor-

dados espessos misturados com ouro. Também estão tendo grande successo os mantos venezianos.

As cobras (*boas*) que foram postas de lado, são agora substituidas, para guarnecer o pescoço, pelo tule em bôfes, pelas mousselines de seda em fôfos, pelas penas de gallo, de avestruz, etc. Para animar estas gargantilhas, terminam-as por um nó de fitas, cahindo as pontas compridas pelas costas abaixo.

MARIE DE CANORS.

